

LIÇÃO 4: A DOUTRINA SOBRE O HOMEM

TEXTO ÁUREO: “*E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou*” (Gn 1.27).

LEITURA BÍBLICA: SALMO 8

INTRODUÇÃO

Tão importante quanto a doutrina sobre Deus é aquilo que as Escrituras Sagradas nos ensinam sobre o próprio homem: sua origem e natureza, bem como sua condição antes e depois da Queda. Sem este conhecimento, não podemos entender como nos relacionamos com Deus, nossas capacidades e limitações, nem o nosso lugar nos desígnios divinos. Veremos, então, que desta doutrina dependem outras doutrinas fundamentais, como a do pecado, de Cristo e da salvação, as quais estudaremos oportunamente na sequência das próximas lições.

I – A ORIGEM E NATUREZA HUMANA

1. Sua Criação. Como todos os outros seres vivos, o homem também deve sua origem e existência ao Deus Todo poderoso. Formado no final do sexto dia, ele é a obra conclusiva daquele período em que “*os céus, a terra e todo o seu exército foram acabados*” (Gn 2.1). O relato das origens nos informa ainda que Deus criou tanto o homem como a mulher (Gn 1.27), embora acrescentando, em maiores detalhes, que *primeiro* veio o homem e, *depois*, a partir dele, Deus formou a mulher (Gn 2.7, 20-22). Tal como os outros animais, criados para se reproduzirem “*segundo a sua espécie*”, a este primeiro casal, uma vez unido como um só corpo, também foi dado o poder de frutificar e se multiplicar, e encher a terra (Gn 1.28). Isto foi confirmado após o dilúvio, no qual todo o mundo antigo havia sido destruído por Deus, e assim toda a humanidade, na sua multidão de povos e variações de cor, língua e habitações, remonta sua origem a um só sangue, a um antepassado comum (Gn 9.1, 18-19; Dt 32.8).

2. Sua Natureza. Quanto à composição do ser humano, a princípio não encontramos nada nas Escrituras que o diferencie materialmente das outras criaturas, tendo sido formado a partir da mesma terra – ou, mais propriamente, do *pó da terra* – assim como elas (Gn 2.7, 19); e sendo animado pelo mesmo sopro, fôlego ou espírito de vida proveniente de Deus (cf. Ec 3.19-21; Gn 6.17; 7.21-22). Ele também é chamado de “*alma vivente*”, junto com os animais (Gn 1.20, 24), pois, como estes, é um ser animado, que desfruta de vida que não é própria, mas derivada ou doada por Deus (Ec 12.1-7). Mas, a isto devemos acrescentar que, sob outro aspecto, há uma diferença notável entre o homem e os animais: ele possui faculdades inalienáveis, tais como vontade, intelecto e emoções, as quais compõem o seu *caráter*, que o individualiza entre os seus semelhantes. É a parte imaterial e invisível do seu ser, mas ao mesmo tempo *indissociável* da sua condição de alma vivente, pois é somente enquanto corpo animado pelo espírito é que tais faculdades podem ser exercidas (Ec 9.5-6; Sl 146.3-4). Em outras palavras, o homem é um ser *indivisível*, o exterior e o interior estando entremeados de tal forma que somente Deus é capaz de distinguir uma coisa de outra (Hb 4.12).

II – SEU LUGAR NO PROPÓSITO DE DEUS

1. Sua Preeminência sobre a Criação. Assim como todas as coisas foram criadas segundo o sábio conselho de Deus, e cooperam juntamente para a execução do Seu grandioso propósito, a criação do homem recebe especial destaque nas Escrituras, na citação expressa da resolução de Deus a seu respeito: “*Façamos o homem...*” (Gn 1.26). Isto quer dizer que, em todas as obras anteriores pelas quais o mundo fora criado, moldado e adornado, Deus tinha em vista o homem como seu principal habitante, como aquele que faria uso dos melhores recursos da terra e exerceria um justo e bondoso domínio, em nome do seu Criador, sobre as demais criaturas (Gn 1.28-29; 2.4-8, 15, 19-20; Sl 115.16).

2. Criado à Imagem e Semelhança de Deus. Outro aspecto singular na criação do ser humano, e que lança muita luz sobre o seu lugar nos planos divinos, é o fato de ser ele a única criatura feita à *imagem e semelhança de Deus*, o que é lembrado mesmo após a queda (Gn 5.1; 9.6). Isto se refere não apenas à sua condição original, na qual fora criado *moralmente* reto (Ec 7.29), ou seja, em harmonia com a justiça, santidade, justiça, bondade e amor de Deus; mas também aponta para o propósito supremo da sua existência. O homem foi criado para ter comunhão consciente com Deus, devendo empregar suas faculdades únicas (vontade, intelecto, emoções) para buscar, conhecer e amar ao seu Criador (At 17.26-27; Ml 2.15-16; Jo 4.23).

3. Cristo Jesus, a Cabeça do Homem. Assim como as demais doutrinas, a doutrina sobre o homem deve nos levar à compreensão do supremo propósito de Deus de glorificar Seu Filho Jesus através da nossa salvação. E isto alcançaremos, se considerarmos, primeiro, que Jesus é o *segundo* homem, ou *último* Adão, em distinção ao primeiro (1 Co 15.45-48). O primeiro não alcançou o elevado alvo da sua existência, ao passo que, no segundo, a divindade habita em perfeita harmonia com a Sua forma ou condição humana, assumida na encarnação (Jo 1.14; 14.9-10; Cl 1.19; Hb 1.3). Por isso Deus o exaltou (Fp 2.5-11), fazendo-O herdar todas as coisas, inclusive o próprio ser humano. Todos os demais homens ou fracassam por estarem identificados com o primeiro homem, Adão, ou são membros do corpo de Cristo, que é a cabeça salvadora da nova humanidade, do homem perfeito (Hb 2.5-9; Ef 4.12-13; Fp 3.8-14; Rm 8.29). Em consequência disto, a virtude da Sua vida é aplicada ao caráter do salvo, aperfeiçoando nele progressivamente a verdadeira *imagem divina* (Ef 4.21-24; Cl 3.8-11).

III – SUA CONDIÇÃO ANTES DA QUEDA

1. Sua Felicidade. As condições em que o homem fora criado e estabelecido por Deus eram totalmente favoráveis à sua perfeita felicidade. Sua habitação era um jardim plantado pelo próprio Deus no Éden, onde Adão podia desfrutar de todo o tipo de beleza natural e de variedade de árvores frutíferas (Gn 2.8-9). Sua ocupação era lavrar e cuidar do que Deus já havia preparado (v. 15). Para cumprir o mandato divino de frutificar e dominar a terra, foi presenteado com uma companheira, que lhe completava (vv. 22-24). E tudo isto sob a tutela e atuação direta de Deus. Por último, a *árvore da vida* no meio do jardim era um sinal claro do interesse e da boa vontade do Criador em tornar perpétua para eles aquela felicidade (v. 9).

2. Sua Inocência e Simplicidade. É certo que o primeiro casal não partilhava de qualquer senso de culpa, malícia ou inclinação pelo mal. Foram criados *retos* e estão incluídos na declaração de Deus de que tudo quanto tinha feito era “muito bom” (Gn 1.31), ou seja, adequado para o Seu santo propósito. Por outro lado, as Escrituras sugerem certa simplicidade de entendimento no primeiro casal, que não lhes permitiu valorizar o bem de que desfrutavam e rejeitar o mal, quando este lhes foi apresentado de fora. Isto será assunto da próxima lição. De momento, queremos apenas destacar que, embora *sem culpa*, Adão e Eva não eram *perfeitos* em entendimento (Gn 2.25).

3. Sua Prova. Se todas as ordens de Deus até aqui são mais propriamente determinações sobre a condição natural do ser humano, o mandamento: “*De toda a árvore do jardim comerás livremente ... mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás*” (Gn 2.16-17), encerra a possibilidade de *transgressão*, e esta implica em *sanção*. Por aqui fica evidente que o homem ainda estava sob *prova de fidelidade* ou *obediência*, podendo ser aprovado ou reprovado. E a firme obediência a este mandamento dependia exatamente do que lhes faltava: discernimento do bem e do mal (2 Co 11.3).

CONCLUSÃO

Ao contrário das filosofias humanistas, a doutrina bíblica sobre o homem não o exalta por algo que ele possua ou faça de si mesmo. Ela mostra que ele é uma peça importante no arcabouço dos decretos de Deus, e que a sua felicidade está em reconhecer aqu’Ele que o criou, bem como a bondade, o amor e a misericórdia com que foi honrado por Ele no Seu grandioso propósito.